

## ARQUEOLOGIA SUBAQUÁTICA NO BRASIL: ASPECTOS TÉCNICOS

Gilson Rambelli\*

Hoje, diante do quadro de pesquisas arqueológicas científicas realizadas com sucesso no ambiente aquático de vários países do mundo, podemos falar em um amadurecimento no que diz respeito às técnicas de intervenção e de conservação nas pesquisas subaquáticas. Sendo assim, é incabível que ela continue sendo vista no Brasil como uma mera, simples e aventureira recuperação de objetos do fundo das águas, como se pensava há quase cinquenta anos. Devemos compreendê-la, logo concebê-la como a Arqueologia praticada em um meio distinto. Ou seja, uma versão “molhada” e obediente da disciplina, e não uma disciplina *sui generis*.

Seu método, segue os mesmos princípios que direcionam qualquer pesquisa arqueológica, o que muda é a adaptação às etapas de campo, as quais poderão ser realizadas através de drenagens das áreas desejadas, quando possíveis, ou através da prática do mergulho autônomo, situação esta, onde os trabalhos serão realizados diretamente embaixo d’água.

No que diz respeito a segunda opção, podemos dizer que as diferenças entre o trabalho de um arqueólogo comum e o de um arqueólogo que trabalha embaixo d’água consistem na necessidade de se levar o ar para respirar, nas técnicas (como já citamos anteriormente) adaptadas para as etapas de campo e nas técnicas especializadas de conservação. Onde todas se resumem na necessidade de se responder as exigências do ambiente em que se trabalha.

O mergulhador-arqueólogo se distingue do mergulhador de lazer, porque além de poder se movimentar com toda segurança em um outro ambiente, deverá executar uma série de tarefas delicadas e variadas. Assim sua aptidão de mergulhador, por mais essencial que seja, não é nada mais que o meio de atingir seu objetivo.

Além do mais, exercer uma atividade intelectual embaixo d’água,

\* Pós-graduação em Arqueologia, USP.

impõe uma série de dificuldades: o incômodo ocasionado pelo próprio equipamento; e os efeitos de apreensão e de perda de calor no decorrer dos trabalhos. Mas, a maior das dificuldades, é que um homem que trabalha embaixo d'água e respira ar comprimido é menos eficaz do que seria em superfície.

Os efeitos fisiológicos e psicológicos após um certo tempo de imersão, contribuem para diminuir a capacidade do trabalho útil do mergulhador. Eles se acentuam na medida em que a profundidade aumenta. Por mais que seja possível sobreviver com ar comprimido em fundos de setenta e cinco metros, é difícil seguir um trabalho eficaz, sobretudo arqueológico, abaixo dos quarenta metros.

Estas dificuldades dizem respeito à qualidade de um trabalho sob a água e devem ser levadas em conta, ainda no planejamento do próprio projeto.

É incoerente falarmos em técnicas de Arqueologia Subaquática, sem falarmos em técnicas de tratamento e de conservação, pois os sítios submersos nos oferecem condições excelentes de conservação do material arqueológico, graças ao abrigo da luz e a quantidade mínima de oxigênio. São estas condições que justificam os esforços de uma pesquisa científica subaquática.

Sendo assim, não podemos perder de vista que todos os objetos no momento da intervenção estão em equilíbrio com o meio, extraí-los significa romper este equilíbrio. Desta forma, precisamos estar preparados, com os meios necessários para garantirmos a não destruição e a preservação das peças. Pois, convém chamar atenção que, ao mesmo tempo que se conservam e mantêm a forma, estão frágeis e debilitados, com suas estruturas e celulares praticamente destruídas. Assim, a madeira perde a celulose, o couro o colagens etc.

Os materiais inorgânicos também não estão isentos de problemas, eles apresentam rupturas, absorção de sais e erosões decorrentes da água e das correntes. Assim, o vidro se desvitrifica, os metais sofrem o problema da corrosão etc.

Em muitos casos é melhor após o estudo sistemático e a documentação, deixar o material no fundo, recobrimo-o com sedimentos, do que tirá-lo sem a certeza de poder conservá-lo e protegê-lo.

Desta forma, é preciso que deixemos claro, que existe uma nítida diferença entre "recuperação" de objetos e Arqueologia. E se tal dis-

tinção continuar ao descaso, numerosos sítios desaparecerão pelo simples fato de que muitas das pessoas que costumam visitar estes Bens Culturais submersos, desconhecem por completo o significado dos vestígios arqueológicos e de sua importância. Os interesses aventureiros e muitas vezes destrutivos na procura de *souvenirs*, ou na prática da auto-intitulada Arqueologia vêem este patrimônio como alvo fácil e desprotegido.

Para proteger este patrimônio, temos que contar com a ajuda, e a colaboração dos mergulhadores, conscientizando-os da importância de uma abordagem científica sobre os sítios submersos, incentivando-os a preservá-los, seja através de visitas controladas, ou da fotografia como um “*souvenir* da aventura”. Cabe lembrar, que a integridade destes sítios, depende muito destas pessoas, pois são elas que os visitam constantemente.